

Vale a pena votar? Muita gente acha que não

ESTELA LANDIM
Da Editoria de Política

O que leva uma pessoa a anular o seu voto numa eleição como esta em que os representantes no Congresso irão elaborar uma nova Constituição para o País? "Um jeito de contestar", como afirma um roqueiro, total desinformação e desinteresse, ou o descrédito dos políticos? Durante 26 anos, foi negado aos habitantes de Brasília o direito de votar e talvez isso explique em parte o desinteresse de alguns jovens para com as próximas eleições.

Há alguns dias, durante o Concerto Cabeças, apareceu uma faixa onde se podia ler: "Na dúvida, vote nulo". Para o candidato a deputado pelo PMDB, Fernando Tolentino, "isso é coisa da burguesia" e sem dar importância aos partidários do voto nulo, o candidato ironizou dizendo que eles não passam de 14 eleitores.

Fernando Tolentino disse isso em frente à Funarte, na noite da última quinta-feira, onde estava acontecendo a apresentação de duas bandas de rock. Lá dentro, os roqueiros da Nexo Explicito e Terceiro Ato defendiam o voto nulo dizendo que não acreditam nos partidos e que o anarquismo é o final de tudo.

Estes podem ser considerados anarquistas, rebeldes, contestadores, mas nas universidades, onde ao contrário do que diz Tolentino, não são apenas 14 os defensores desta proposta, os estudantes têm argumentos para defendê-la. Não chega a ser uma campanha, mas também não é um número tão pequeno de eleitores que o fato mereça ser considerado. O PMDB, ao que parece, não pensa como o seu candidato Fernando Tolentino, tanto que encomendou uma música para a campanha tentando atrair estes eleitores.

Na cidade, além de algumas pichações, começam a aparecer nos vidros dos carros um adesivo com o símbolo do anarquismo e em favor do voto nulo, assinado pelo Partido Verde. Se ainda não é uma campanha, ela começa a se delinear.

E não são apenas punks, ro-

queiros e estudantes. Alguns profissionais, como da imprensa, estão gostando da idéia e até defendendo-a.

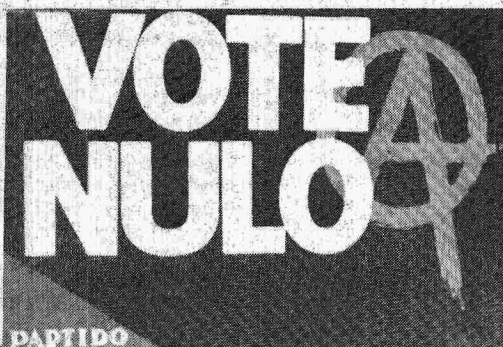
"NÃO DÁ PRA VOTAR"

"Os partidos perderam totalmente a identidade. Tem muito comunista nos partidos de direita. Eu até gostaria de votar em alguém que merecesse, mas do jeito que está não dá". A opinião é de uma estudante do Ceub, residente na Área Octogonal. Com 20 anos, Mônica Regina nunca participou de movimento estudantil ou militou em algum partido. Diz que tem procurado conhecer os candidatos de Brasília através do programa eleitoral na televisão, mas na sua avaliação, "não dá pra votar em nenhum".

Já Ricardo Maia, também do Ceub, é diretor de Imprensa do Diretório Central dos Estudan-

tenhos partidos, o tempo de propaganda gratuito é bastante restrito para a grande maioria dos candidatos. Dessa forma, mesmo que tenham um programa, propostas coerentes, não têm espaço na televisão e no rádio para divulgá-las. Isso sem contar que com pouco dinheiro é praticamente impossível fazer uma boa campanha.

Esse argumento não convence "Tuca", estudante do oitavo semestre de agronomia. "Quem é bom aparece", contesta, dizendo que fez até um grande esforço para assistir aos programas na televisão, mas que não encontrou nenhum candidato. "Eu me interesso, quero ver Brasília crescer, mas não dá para votar nos candidatos que aí estão. Esta Márcia Kubistchek, por exemplo, é uma tremenda oportunista. Fica aí usando o nome do pai dela".



Sem espaço no rádio e na televisão, sem partido legalizado, os verdes protestam, contestam, arrebatam a eleição

tes. Ele trabalha na Funai e faz o segundo semestre de Comunicação. Também diz que já foi ligado ao PDT, mas agora, quando pela primeira vez vai poder votar, irá anular o seu voto. "Eu sou a favor de colocar a educação em primeiro lugar, mas aqui em Brasília não estão preocupados com isso. Não vi os candidatos falarem disso. O ato de votar é de grande responsabilidade e nenhum dos candidatos defende essas idéias com relação a educação. Se você não conhece esse candidato, suas idéias, como votar nele", afirma Ricardo.

Com o grande número de candidatos existentes e a legislação eleitoral que discriminou os pe-

Tuca fala dos pioneiros que hoje não têm uma casa para morar e, até com raiva, diz que "as pessoas vêm para Brasília para ganhar dinheiro, para tentar a sorte, meter a mão na grana. Não têm raízes, apego, e depois vão embora. É uma cidade que acontece para os outros, não para os que batalharam aqui".

No bar em que Tuca está tomando cerveja com uma amiga, os estudantes de uma mesa vizinha escutam a conversa e apóiam o que ela diz. São todos defensores do voto nulo e quando se pergunta por que, respondem que não acreditam nos candidatos, que eles não apre-

senm nada de novo, que só fazem promessas.

Aa, também estudante de agronomia afirma que nenhum candidato fez a sua cabeça. "Não estão atingindo nossos objetivos", comenta e depois faz uma crítica ao candidato Hilton Mides, do PDC. "Ele está fazendo campanha com a sua foto de corpo inteiro mostrando as metes. Ele próprio está se discriminando, como é que pode".

descrédito nos candidatos é total. Para quase todos os estudantes que participam da conversa, os candidatos são oportunistas ou "otários". "Eu queria ter participado de uma eleição, mas não existe ninguém que tenha afinidade com Brasília. Na hora que tiver a geração de Brasília acontecendo no Congresso, aí eu dou valor", comenta Tuca.

"TUDO DEMAGOGIA"

Eles são vistos como rebeldes, contestadores, anarquistas. Na verdade também são músicos e fazem sucesso entre os jovens de Brasília. Vou votar em Didi Mocó e Costinha", diz o roqueiro Carlos Magno, da banda Terceiro Ato. Depois explica que já viu os programas eleitorais na televisão e concluiu que "tudo é demagogia. Esse papo de promessa não vale. O cara tem que fazer antes".

Rodrigo também vai anular o seu voto, porque, segundo ele, o que não presta é a própria política. "Hoje em dia na política, vai ganhar quem tem grana. O voto é a legitimidade desse poder. A coisa é o sistema e a minha posição talvez seja até a de contra tudo". Ele diz também que não defende uma ideologia como o anarquismo, mas que os políticos não fazem nada por eles. "É um jeito de contestar, votando nulo".

Já o músico "Militão" da banda "Os Rochas", diz que não está afim de votar nulo porque é uma eleição constituinte. "São pessoas que irão elaborar uma Carta, que acho importante. Se não fosse a Constituinte eu iria votar no John Lennon. E isso aí".



Protesto juvenil? Ou sinal de extrema politização? Estudantes, darks, roqueiros e brotinhos repetem, 40 anos depois da última Constituinte e após uma dura, muito ditadura de 21 anos, a desgastada campanha em favor do voto nulo. Vale?

